

Cruzada contra retaliações

WASHINGTON — Uma comissão de 30 empresários brasileiros está em peregrinação pelos principais focos de decisão do governo americano e nos gabinetes dos senadores e congressistas numa tentativa de aplacar as esperadas retaliações comerciais dos Estados Unidos contra o Brasil. Do grupo fazem parte o banqueiro Angelo Calmon de Sá, o ex-ministro Pratini de Moraes e Peter Rosemberg do grupo Gerdau.

Hoje, estiveram com o assessor de Segurança Nacional, Frank Carlucci, muito ligado ao Brasil, onde esteve servindo como diplomata logo após 1964 — e com alguns senadores. Sua mensagem tem sido clara: os Estados Unidos não deveriam fazer retaliações contra o Brasil, fortemente dependente da receita do comércio internacional não apenas para pagar suas contas, como para promover a oferta de empregos, evitando o agravamento das tensões sociais provocadas pela inflação galopante. De outro lado, argumentam, o saldo da balança comercial Brasil-Estados Unidos não chega a ser preocupante para as contas americanas. Japão, Coréia e Mercado Comum Europeu são alvos mais tangíveis para os funcionários americanos, sedentos por melhores resultados no *front* externo.

Outro ponto da mensagem dos empresários brasileiros aos interlocutores americanos é essencialmente político. Acreditam e dizem que o momento não é

o melhor para a exacerbação de uma crise comercial com o Brasil. “Com a Constituinte reunida as represálias poderão tocar no nervo exposto do nacionalismo e o tiro acaba saindo pela culatra”, afirmou um deles. Vão além: as pressões do governo americano neste momento poderão comprometer até mesmo um intenso trabalho conduzido pelos empresários brasileiros para conseguir o abrandamento não apenas da política de informática como de outros pontos da legislação. “O temor é se tornar a Constituinte mais realista que o rei e apertar ainda mais no protecionismo, na reserva do mercado”, assinalou um empresário.

A missão tem sido bem recebida pelos interlocutores americanos, segundo informações de seus membros, embora nenhum deles tenha se comprometido a defender as posições manifestadas pelos brasileiros. A questão do desequilíbrio da balança comercial dos Estados Unidos está muito sensível nos meios políticos e na administração do governo americano, sobretudo quando se soma a ele o fantasma da recessão econômica.

O esforço dos empresários brasileiros é parte de uma estratégia de diálogo permanente com os políticos e altos funcionários do governo na tentativa de manter os canais de comunicação permanentemente abertos. “Com isso, evitamos muitos mal-entendidos”, observou um integrante da missão.